

DISCURSO SAUDAÇÃO PARA A POSSE DO DR. JORGE TRINDADE NA ACDEmia BRASILEIRA DE FILOSOFIA.

CARLOS NEJAR

Senhor Presidente Pensador Prof. João Ricardo Moderno.

Autoridades, Nobre Representante do Pró- Reitor da Universidade Luterana do Brasil, Prof. José Paulinho Brandt, Ilustre representante do Reitor Salvato Trigo, da Universidade Fernando Pessoa, Profa. Ana Sani, da Cidade do Porto (Portugal), Sra. Dra. Procuradora de Justiça, representando a Associação do Ministério Público gaúcho, Marta Beltrame, Dra. Cláudia Albuquerque e Dra. Janine Borges Soares, ambas Promotoras de Justiça, Dra. Dirce Becker Delwig, escritora e mestre de Psicologia. Eminente Doutor Honoris Causa desta Academia, Fernando Bicudo.

Senhoras e Senhores Acadêmicos.

Nobre, ORA EMPOSSADO, DR. JORGE TRINDADE, com esposa, Dra. Jacqueline e os filhos – André, Elise, Laetitia, Luísa.

Prezados Presentes:

As coisas não são as que sonhamos, são as que nós fazemos. Ou são as que fazemos de tanto sonhar. E a filosofia é esta visão do sonho que busca formas de se efetuar. Não só na origem das coisas, mas no questionar o destino. E o destino sabe de nós, mais do que sabemos dele.

Jorge Trindade tem filosofia de sonhar e de fazer. E quando ingressou no Ministério Público gaúcho, teve meu nome firmado na sua ficha funcional. Jorge Trindade cresceu na função, alcançou o posto de procurador de justiça no critério de merecimento, com meu voto e agora nesta Academia Brasileira de Filosofia toma posse hoje e estou eu a saudá-lo.

Mestre do Direito, graduado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Doutor em Ciências Sociais pela Universidade

de Lisboa, Psicólogo com Doutorado em Psicologia Clínica e Saúde Mental, Livre Docente em Psicologia Jurídica pela Universidade Luterana do Brasil, Professor Assistente de Filosofia do Direito e de Introdução à Filosofia do Direito, autor de vários livros, entre eles, *Manual de Psicologia Jurídica para Operadores do Direito*, em 7ª edição, *Psicologia Jurídica para a carreira da magistratura*, além de diversos outros. E o último, lançado a menos de uma semana, *Crime e Drogas*, em parceria com Laura M. Nunes. É Professor Visitante em Portugal, Itália, Espanha, membro do Comitê Científico da Revista de Vitimologia de Córdoba, Argentina, e tantos outros títulos que encheriam esta página .

Einstein perguntou certa vez se “existe uma maneira de livrar a humanidade da guerra” e a resposta foi de Freud, na citação do empossante, que adverte que “ tudo o que serve para o desenvolvimento da cultura serve para evitar a guerra. E o intelectual no mundo contemporâneo é um sobrevivente .

Observa o argentino e universal , Alberto Manguel , em recente manifestação :

“O intelectual é uma espécie em extinção. Vivemos em um mundo estruturado em torno da máquina comercial. O mundo contemporâneo não quer indivíduos que reflitam, por estar mais interessado em formar consumidores. Há um vazio na educação sobre a memória do passado comum, de nossos valores. Não diria que já tivemos uma sociedade justa. Mas no passado havia um esforço para questionar momentos injustos. O mundo vive um impasse político em que apenas são brada dos solgans, repetindo a linguagem publicitária”.

Concordo com esse ponto de vista. Pensar opera na escassez. Não se pensa, se é pensado; não se sonha, se é sonhado. Repetimos na vida o que nos relatam na tevê ou respiramos nos subúrbios dos shoppings, que José Saramago previu como retorno à caverna.

Vigem o sistema, a cumplicidade do poder e bem menos vigoram as ideias. E as ideias não são, como afirmava o tribuno do pampa Gaspar Silveira Martins, “metais que se fundem”. As que se salvam, mais fortes, são

lapsos de luz no meio de certa mediocridade contemporânea. A inteligência é menosprezada, a intuição relegada ao silêncio, ou à empoeirada burrice. E a coletividade é absorvida, como no tempo dos romanos, pelo pão e o circo. Mas assegurava Kierkegaard, o grande dinamarquês: “No mundo físico quem não trabalha pode ter pão; no mundo do espírito, só quem trabalha tem pão, pão, só quem desce aos infernos salva a bem-amada”. E o esquecimento de nossa melhor tradição cultural vai tirando a capacidade de memória. Abominamos a infância do passado e a lembrança portentosa dos ancestrais. Damos a supremacia dos jovens na sociedade sobre os idosos, a supremacia da beleza ou aparência sobre a lucidez e o discernimento. E Jorge Luiz Borges defende a tese de que o tempo é mais real do que nós. Ou inventamos uma nova ética e uma nova cultura, ou seremos levados de roldão e não sobreviveremos. E essa referência, realça a posse deste intelectual de estirpe, Jorge Trindade, na Casa da Filosofia, a Casa de Osório, também gaúcho. Sei que estará honrado, como nós todos, seus confrades. Sendo o ora empossado, reconhecido como fundador da Psicologia Jurídica no Brasil, ao lado de Mira y López. O que não é pouco.

Além disso, não se pode olvidar o desígnio quase obsessivo de Jorge Trindade, que é o cuidado e proteção da infância. Afiançava Rilke que talvez a vida toda está resumida na infância. “O menino é o pai do homem”, como sustenta Machado de Assis, quando o menino é o espelho do velho. Mas a dor de viver faz que entremos dentro do espelho. Ou o espelho estilhaça apenas os nossos mais ambiciosos reflexos. E a filosofia, nobre Jorge Trindade, detém os reflexos rutilantes do espelho. Somos o que vemos, descobrindo. E o que nos descobre. Melanie Klein, citada por V. Exa., assegura que “eu já sou melhor, porque agora não preciso fazer, eu já posso imaginar que faço”. Imaginar é fazer com o pensamento. E a filosofia é a imaginação que pensa. E a imaginação que se inventa na memória da espécie e a espécie humana que se indaga na imaginação. Porque a palavra é ato. E o ato tem alma, como os cavaleiros medievais achavam ter alma suas espadas. O Pensador, que é João Ricardo Moderno, presidindo esta sessão, num volume fundamental - *Estética e Imaginação Criadora* -, salienta: “A filosofia é a atividade crítica que livremente constitui seu objeto. A inexistência

de um objeto a credencia a todos os objetos (...). O filósofo precisa construir a palavra” (p. 6-7).

E como “a alma humana é um abismo”, segundo Fernando Pessoa, recebe V. Exa. nesta Casa da Filosofia o que tem infinitamente procurado, o reconhecimento da arte de contemplar o abismo, sem medo. E o abismo com esplendor então nos contemplar. Que a ciência de Deus é a mais alta. O abismo de Deus. Tenho dito.

Rio de Janeiro (Casa Histórica de Osório), 21 de setembro de 2016.

Carlos Nejar é escritor. Membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filosofia.